

# DOIS JORNALISTAS FRANCESES EM DUAS REVOLUÇÕES BRASILEIRAS (NOVEMBRO DE 1889 E OUTONO DE 1930): ESTUDO COMPARATIVO

RETO MONICO\*

## RESUMO

Neste artigo faz-se um estudo comparativo entre duas viagens ao Brasil, a de Max Leclerc, enviado especial do *Journal des Débats*, no início da I República, e a do jornalista Maurice Prax, do diário *Le Petit Parisien*, no outono de 1930. Entre os temas abordados, destaco os seguintes: as duas revoluções; o Brasil das cidades; o Brasil do interior; a mentalidade dos brasileiros; as relações franco-brasileiras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imprensa; I República; Revolução de Vargas (1930); Revolução Republicana (1889).

## RESUMÉ

Cet article est une étude comparative de deux voyages, celui de Max Leclerc, envoyé spécial du *Journal des Débats*, quelques semaines après la chute de D. Pedro, et celui du journaliste du *Petit Parisien* Maurice Prax, à l'automne 1930. Les principaux thèmes traités sont: les deux révolutions; le Brésil des villes; le Brésil de l'intérieur; la mentalité des Brésiliens; les relations franco-brésiliennes.

**MOTS-CLÉS:** Presse; I République; Révolution Vargas (1930); Révolution Républicaine (1889).

Neste texto pretende-se comparar duas viagens ao Brasil feitas por dois enviados especiais de outros tantos periódicos parisienses, viagens cujo objetivo principal era descrever e explicar aos leitores franceses as revoluções brasileiras de 1889 e de 1930.

O primeiro, Max Leclerc<sup>1</sup> (1864-1932), visita o país poucas

---

\* Doutor em História pela Universidade de Genebra.

<sup>1</sup> Max Leclerc (1864-1932) obteve o diploma em Ciências Políticas em Paris, estudos que completa com estadias na Inglaterra e a Alemanha. Colabora no *Journal des Débats* e, tal como Maurice Prax, faz várias viagens, nomeadamente aos Estados Unidos e a Inglaterra. Colaborador do editor Arman Colin desde 1895, coordena, entre outras atividades, a publicação de várias obras de geografia.

semanas depois da queda de D. Pedro II e envia treze<sup>2</sup> longos artigos para o *Journal des Débats*<sup>3</sup>, artigos reunidos em livro – *Lettres du Brésil*, com algumas notas de rodapé – em junho de 1890<sup>4</sup>. O jornalista explica as causas e as peripécias da revolução republicana, fala dos antigos e dos novos governantes, descreve o Rio de Janeiro e São Paulo, visita uma fazenda, dá as suas opiniões sobre o Brasil e os brasileiros, sem esquecer as relações bilaterais.

Quarenta anos depois, Maurice Prax<sup>5</sup> (1881-1962) chega ao Rio na véspera da queda da I República e escreve cerca de vinte cartas para o jornal *Le Petit Parisien*<sup>6</sup>. Além de descrever o ambiente da então capital brasileira na mudança de regime, o enviado especial do jornal parisiense visita igualmente São Paulo, faz uma viagem pelo interior do Brasil, até Goiás, entrevista alguns chefes revolucionários e dá uma imagem positiva, embora matizada, do país e dos seus habitantes.

## 1 VIAGEM E CHEGADA

Temos pouquíssimas informações sobre as duas viagens – nas quais os dois jornalistas franceses são os únicos passageiros para o Rio – que duram, respectivamente, 16 e 12 dias. Só sabemos que, a bordo do *Flórida*, Prax recebe algumas notícias da TSF e que receia ter que ir até à Argentina por causa dos combates. Naquela

---

<sup>2</sup> Apesar de Leclerc ter enviado 13 cartas, o livro só tem doze capítulos, porque as cartas de 24 de abril e de 24 de maio foram publicadas juntas no capítulo 11.

<sup>3</sup> Fundado em 1789, o *Journal des Débats*, apreciado pela qualidade dos seus textos, é lido sobretudo pelas classes conservadoras cultas. Mesmo hoje, as suas crónicas da vida cultural despertam um grande interesse. Passa de uma tiragem de 7000 exemplares em 1880 para cerca de 25000 em 1914.

<sup>4</sup> Em 1942 a Companhia Editora Nacional publica a tradução portuguesa desse livro (*Cartas do Brasil*), efetuada por Sérgio Millet. Nas notas de rodapé indiquei a data da publicação dos vários artigos no *Journal de Débats* e, quando é conhecida, a data de envio da carta a partir do Brasil. Todas as traduções, quer do livro do Leclerc, quer dos artigos publicados no *Petit Parisien*, são de minha autoria.

<sup>5</sup> Filho do general Léon Prax, Maurice Prax (1881-1962) foi jornalista do *Petit Parisien* e do *Matin*. Fez várias reportagens em Itália, Marrocos, Rússia, Turquia, etc.

<sup>6</sup> Cf. o meu artigo «Um jornalista europeu em plena revolução: Maurice Prax no Brasil (outono de 1930)». *Arquipélago-História*, 2012/13 (no prelo). *Le Petit Parisien* (1876-1944) torna-se, em 1902, o jornal com a maior tiragem no mundo, ultrapassando *Le Petit Journal*, com um milhão de exemplares. Em 1913 chega a um milhão e meio de exemplares, e durante a I Grande Guerra, a cerca de dois milhões. Em 1930 continua pujante, atingindo um milhão e meio de cópias, mas nos anos seguintes irá iniciar o seu lento declínio. Em relação a outros jornais, *Le Matin*, por exemplo, falta-lhe um pouco de brilho. No entanto, as reportagens, como a de Prax, e as investigações, são notáveis.

quinta-feira, 23 de outubro de 1930, Prax tem pouco tempo para «admirar a sublime paisagem»<sup>7</sup>. Encontra a cidade «calma, um pouco adormecida, um pouco silenciosa» e vai imediatamente ao Ministério das Relações Exteriores. O ministro, apesar de a situação estar crítica, «está otimista» e pensa que o governo vai sair vencedor.

Quarenta anos antes, Leclerc tem também medo de não poder desembarcar na capital brasileira, mas por causa da febre amarela. Consegue fazê-lo graças ao capitão do navio *La Plata*, apesar da oposição dos passageiros argentinos que têm medo de serem contaminados. O jornalista parisiense consegue chegar a terra num pequeno barco, juntamente com os sacos dos despachos e as cartas da Europa, particularmente orgulhoso de ser o primeiro «representante da imprensa francesa»<sup>8</sup> a desembarcar no Rio de Janeiro. Vai logo à alfândega e entrega uma carta de recomendação ao guarda-mor. O ambiente de festa de anos no qual é recebido e o «encanto do magnífico panorama da baía» até lhe fazem esquecer que está no Brasil para «ver a revolução em ação»<sup>9</sup>.

## 2 DUAS REVOLUÇÕES

O enviado especial do *Journal des Débats* volta rapidamente à realidade política, passando os três primeiros dias da sua estadia a recolher e a comparar informações para reconstituir os factos que ocorreram cinco semanas antes da sua chegada. Faz uma análise aprofundada dos acontecimentos e debruça-se, com grande espírito crítico, sobre as causas da queda da Monarquia.

Leclerc explica que na origem está o forte antagonismo entre Ouro Preto e os militares. O último primeiro-ministro de D. Pedro tinha um plano para destruir o Exército, enviando os soldados aos quatro cantos do império para depois declarar que estava dissolvido e substituído por uma Guarda Nacional. Ao mesmo tempo começou a ouvir-se dizer que o imperador queria abdicar a 2 de dezembro para deixar o trono à filha e, indiretamente, ao genro. Tudo isso aproximou os oficiais descontentes de alguns chefes republicanos que, naturalmente, não deixaram fugir a oportunidade.

---

<sup>7</sup> Maurice Prax, «La révolution l'a emporté au Brésil. Le président Washington Luis, démissionnaire, est arrêté» [A revolução triunfou no Brasil. O presidente Washington Luís, demitido, é preso], *Le Petit Parisien*, 25 de outubro (enviado na véspera).

<sup>8</sup> Max Leclerc, *Lettres du Brésil*. Paris: Plon, 1890, p. 5.

<sup>9</sup> «Lettre du Brésil. I», *Journal des Débats*, 15 de janeiro de 1890 (enviada do Rio de Janeiro a 24 de dezembro de 1889).

O marechal Deodoro da Fonseca, que tinha voltado poucos meses antes do exílio no Mato Grosso, tentou convencer o Imperador de afastar Ouro Preto, mas sem sucesso. Quando os republicanos lhe propuseram «fazer alguma coisa antes de 2 de dezembro, [...] Deodoro estava maduro para uma revolta»<sup>10</sup>. No entanto, no dia da rebelião das tropas que recusaram a ordem do primeiro-ministro para embarcarem para as províncias do Norte, Deodoro «só queira deitar abaixo um ministério hostil», mas os «seus aliados, os republicanos», não pensavam o mesmo. Além disso, escreve Leclerc, o médico do imperador interceptou o telegrama de Ouro Preto para D. Pedro II que foi, por conseguinte, informado com atraso da situação. Quando o imperador «desceu para o Rio», Deodoro não conseguiu falar com ele. O velho soberano foi «posto em quarentena como um simples passageiro do Rio para la Plata. A república estava instituída»<sup>11</sup>.

Segundo o enviado do *Journal des Débats*, Deodoro estava cheio de remorsos e estava a ocupar o lugar de «chefe do governo dos Estados Unidos do Brasil» contra a sua vontade.

«A monarquia tinha caído, tinha sido apanhada sem qualquer esforço, tal qual um fruto maduro. Ninguém levantara um dedo em sinal de protesto». É assim que o jornalista francês caracteriza a revolução republicana de 1889. Leclerc dá também claramente a sua opinião sobre o papel do povo: «No Rio o povo aceitou passivamente a revolução»<sup>12</sup>. A multidão ficou «espantada, curiosa e pacífica. Naquele momento não houve nem entusiasmo, nem indignação»<sup>13</sup>.

Além da passividade popular, os grandes proprietários, nas províncias, nada fizeram para defender o regime:

Foi a cumplicidade do silêncio e da força de inércia. Podiam ter reagido, posto na balança o peso da sua influência em favor da monarquia: não o quiseram fazer porque ela tinha ferido os seus interesses. Mas o que fizeram foi só não “fazer nada”.<sup>14</sup>

Os republicanos beneficiaram de todas as circunstâncias favoráveis e até ficaram espantados de «poder abrir tão facilmente

---

<sup>10</sup> «Lettre du Brésil. I».

<sup>11</sup> «Lettre du Brésil. I».

<sup>12</sup> «Lettre du Brésil. I».

<sup>13</sup> «Lettre du Brésil. X. La chute d'une régime» [A queda de um regime], *Journal des Débats*, 6 abr. 1890.

<sup>14</sup> «Lettre du Brésil. I».

uma porta que pensavam estar fechada». O jornalista, que falou com várias pessoas, muitas das quais começam a acreditar que «a revolução se fez sozinha», conclui: «ainda não se percebeu [como isso aconteceu]; talvez ninguém o chegará a perceber».

No dia 10 de outubro de 1930, Maurice Prax recebe a ordem do redator do *Petit Parisien* para ir ao Brasil, uma semana, portanto, depois do início da revolta no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais. Chega no Rio no dia 23 e no dia seguinte é apanhado pelos acontecimentos revolucionários: as tropas federais lançaram um *ultimatum* ao governo e destituíram Washington Luís. Os tiros dos canhões, os aviões que passam, o clamor da multidão acordam o jornalista francês que sai imediatamente para a rua. Assiste, então, a alguns desacetos (por exemplo, ao incêndio da tipografia do quotidiano *O País*), mas, sobretudo, às manifestações de alegria da população. Trata-se de uma festa «ardente, louca e tumultuosa» que se transforma em verdadeira *kermesse*. Cada pessoa leva um laço, um cachecol, um sapato ou um cravo vermelho, cor que constitui, segundo Prax, um «salvo-conduto geral».

O enviado especial do *Petit Parisien* – que tem a impressão de estar em Madrid em 1923, quando Primo de Rivera tomou o poder<sup>15</sup> – dá logo uma imagem muito positiva dos militares que controlam muito bem a situação. Apresenta-os como homens desinteressados que não querem ficar no poder durante muito tempo<sup>16</sup>.

Numa carta escrita a 1 de Novembro e publicada no dia seguinte, Prax relata o «dia de delírio popular» que viveu a capital brasileira. A chegada de Vargas «abalou a cidade. Houve, enfim, exaltação, felicidade, prazer na atmosfera». Descreve o desfile das tropas revolucionárias e regulares – muito mais elegantes – e a chegada, no fim do dia, dos chefes revolucionários, Aranha, Juarez, Távora e, sobretudo, Getúlio Vargas, que põe ao rubro o fervor popular. A revolução ganhou, mas também terminou, segundo dizem algumas pessoas bem-informadas ao jornalista francês, que assiste ainda a uma corrida de carros que percorrem a toda a velocidade as ruas da capital: «O entusiasmo popular anda a cem quilómetros à hora. O cinema [...] nunca conseguirá realizar nada que seja parecido com isso».

---

<sup>15</sup> «Lendemain de Revolution au Brésil», *Le Petit Parisien*, 27 out. 1930. (carta enviada na véspera).

<sup>16</sup> «La situation au Brésil reste compliquée et obscure» [A situação no Brasil continua complicada e obscura], *Le Petit Parisien*, 30 out. 1930 (carta enviada dois dias antes).

Maurice Prax está também presente na tomada de posse, muito simples, sem grandes cerimónias, do novo chefe do Brasil<sup>17</sup>:

A vitória absoluta, total, dos revolucionários, está hoje consagrada. Salvo imprevisto [...], pode dizer-se que a situação no Brasil está resolvida a partir de hoje. Desde as quatro da tarde, no Brasil, existe um governo ditatorial, o de Getúlio Vargas, que foi o animador, o condutor, o generalíssimo – e a causa – da revolução triunfante.

Por enquanto, Vargas vai governar sem parlamento. Trata-se de uma ditadura, «pode utilizar-se a palavra que não mete medo aos vencedores da revolução». Antes pelo contrário, utilizam-na sem qualquer problema. No entanto, a obra que espera os novos dirigentes é imensa<sup>18</sup>.

### 3 AS CAUSAS

A décima carta de Leclerc, escrita no Rio em finais de janeiro de 1890, e intitulada «A queda de um regime»<sup>19</sup>, é inteiramente dedicada às origens do 15 de novembro.

A monarquia caiu e foi uma surpresa enorme tanto para a Europa como, provavelmente, também para os revolucionários, escreve o jornalista parisiense que enumera as principais causas, citando um artigo publicado por Eduardo Prado: «a indisciplina geral, a educação artificial, a organização caótica da sociedade, a insubordinação do Exército»<sup>20</sup>.

Porém, Max Leclerc põe em primeiro plano o papel e a figura de D. Pedro para explicar a mudança de regime, destruindo, em grande parte, a imagem que quase a totalidade da imprensa europeia tinha do último imperador brasileiro. Segundo o jornalista, os defeitos e os erros do soberano tiveram um papel fundamental na desagregação do regime: a lentidão de D. Pedro II a tomar uma decisão, a sua generosidade excessiva, e até imprevidente, o seu espírito conservador (apesar da habilidade que tinha em fazer pensar o contrário) e um poder desmedido no Estado:

---

<sup>17</sup> «M. Vargas prend le pouvoir» [O Sr. Vargas toma o poder], *Le Petit Parisien*, 5 nov. 1930 (carta enviada na véspera).

<sup>18</sup> «Le nouveau régime s'est fixé une tâche écrasante» [O trabalho que o novo regime se propôs realizar é esmagador], *Le Petit Parisien*, 10 nov. 1930 (carta enviada na véspera).

<sup>19</sup> «Lettre du Brésil. X».

<sup>20</sup> *Revista de Portugal*, out. 1889.

O Imperador gostava de fazer crer que ele era o Brasil; a Europa, indiferente ou ignorante, tinha-o adoptado. [...] Tinha conseguido fazer crer à Europa que era o soberano mais paternal, mais liberal, mais isento de preconceitos. No entanto, ninguém tinha mais ciúmes do seu poder pessoal, ninguém era mais hábil do que ele em fazer crer aos ministros que governavam enquanto nada se fazia [...] sem ele.

Era um homem cheio de contradições: «ele, o homem das ciências, o voltairiano, [...] ia regularmente à missa»; na Europa abriam-lhe todas as portas, mas pensava que o Brasil tinha que fechar parcialmente as suas. No fundo, afirma Leclerc, D. Pedro desprezava os homens e pensava que podia, com uma promoção, uma atenção ou um título nobiliárquico, comprá-los ou, pelo menos, neutralizá-los.

Apesar dos progressos que o Brasil fez durante o seu reinado (o jornalista francês menciona, sobretudo, os hospitais e os meios de transporte e de comunicação), o Brasil pagou um preço muito alto por causa das hesitações, da falta de rigor do imperador e da ausência de um plano global para o país. Além disso, com a sua maneira de gerir as crises políticas, conseguiu descontentar toda a gente sem captar simpatias.

Outra crítica feroz do jornalista francês tem a ver com a abolição da escravatura, mal preparada pelo regime e pelo soberano: «[D. Pedro] nada fez para ajudar os fazendeiros a preparar, e depois a substituir, a mão de obra servil pela mão de obra livre». O velho imperador não soube ver que a «abolição podia tornar-se um desastre» e que «a monarquia seria considerada responsável», justamente porque não a anunciou claramente e porque a abolição não fora acompanhada por «uma grande vaga de imigração».

Na penúltima carta, o jornalista parisiense ataca duramente o sistema escravagista, graças ao qual a «*Commonwealth* brasileira» viveu durante décadas. Quando isso faltou, «ficou sem bases e sem vínculos», procurando um novo sistema: «a sociedade brasileira mudou uma forma bárbara e desumana pelo desconhecido: voltou ao estado orgânico». No entanto, Leclerc acusa a escravatura de ter tido – e de ter – muitas outras influências negativas: na família, na moral, na disciplina, no respeito que o marido devia ter pela mulher legítima, na pureza da raça.

A falta de estima e de consideração pelos militares por parte tanto do imperador como dos meios governamentais é também apontada por Leclerc como uma das causas da revolução: «o corpo

dos oficiais sofreu várias vezes as consequências e lembrou-se disso». O facto de o Exército não ter ocupado o lugar que lhe competia durante a monarquia foi mesmo «uma das causas principais da revolução».

«O império viveu de paz e de inércia»<sup>21</sup>, acusa o jornalista do *Journal des Débats*. Não educou politicamente as massas populares, impedindo assim a formação de um «espírito público». O povo nunca aprendeu a «tomar consciência dele mesmo e a manifestar-se» e este espírito público fez muita falta, nomeadamente no dia da revolta republicana.

Enfim, os dois últimos anos do reinado foram desastrosos, afirma Leclerc. A doença de D. Pedro, a partir de 1887, deu o golpe final, porque «as suas faculdades intelectuais sofreram eclipses» sem que o país, e o próprio imperador, tenham tomado consciência da gravidade da situação. Quando D. Pedro regressou da sua última viagem à Europa – onde sentiu «a morte passar perto de si» – depois da regência da filha, «o prestígio da monarquia estava tão débil como a saúde do soberano». Porém, este intervinha na vida política sem ter todos os conhecimentos necessários e sem estar em condições de conduzir o país, aumentando ainda mais a confusão: «Quando aconteceram os factos de 15 de novembro foi o último a saber que estava em jogo a coroa»<sup>22</sup>.

Depois de se ter debruçado sobre as grandes responsabilidades de D. Pedro, o enviado especial do *Journal des Débats* cita também «os outros, quer dizer, os grupos políticos, a aristocracia fundiária, o povo, todo o povo. Alguns agiram, outros ficaram passivos; isso não tem importância. Todos contribuíram na preparação, na execução ou a deixar que a revolução se fizesse»<sup>23</sup>.

O regime parlamentar corrupto, sem prestígio, a administração ineficaz, o nepotismo, o favoritismo, a desordem, a corrupção, as intrigas, a indisciplina generalizada, tudo isso tornou o Brasil numa «anarquia legal»: enfraqueceu de tal maneira o país e o regime que não conseguiram «reagir contra o movimento revolucionário»<sup>24</sup>. Aliás, antes do 15 de novembro ninguém pensava num «terceiro reinado» e depois ninguém pensou na restauração, afirma Leclerc. O assunto estava arrumado.

---

<sup>21</sup> «Lettre du Brésil. X». *Journal des Débats*, 24 abr. 1890 (trata-se de uma pequena gralha. De facto, esta carta é a primeira parte do capítulo XI do livro, cuja segunda parte foi publicada um mês depois sem a data de envio).

<sup>22</sup> «Lettre du Brésil. X, La chute d'un régime».

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Idem.

Nenhum dos vinte artigos enviado por Prax, no outono de 1930, se debruça, como o faz Leclerc para o 15 de novembro de 1889, sobre as causas profundas da queda da I República. O jornalista do *Petit Parisien* limita-se a observar, com certa simpatia, a mudança que vive o grande país sul-americano e não analisa em pormenor as origens dos acontecimentos revolucionários. Testemunha ocular dos últimos dez dias da luta, não tem, como Leclerc, o recuo histórico necessário – nem que seja de algumas semanas – para o fazer. No entanto, de vez em quando podemos ler entre linhas que escreve a sua opinião, muito matizada, que nos permite abordar, embora muito parcialmente, esta problemática.

Segundo Prax, foi a morte de João Pessoa, homem enérgico, exemplar, que lutou contra a corrupção, que fez «explodir a revolução no Brasil»<sup>25</sup>. O mártir da revolução tinha «instaurado a ordem e a civilização» e tinha combatido o banditismo e a tirania, provocando a hostilidade dos amigos de Washington Luís. O jornalista francês denuncia os métodos do antigo presidente que mandava eliminar as pessoas que não lhe agradavam.

Não só isso justifica a revolta, como também o favoritismo mais escandaloso, a burocracia preguiçosa e corrompida que arruinou o país<sup>26</sup>, «o desperdício sem fim que esvaziou os cofres do Estado»<sup>27</sup>, as farsas eleitorais. «A revolução só se fez contra os escândalos: escândalos dos votos vergonhosamente falsificados, dos mais obscuros tráfico sempre impunes. Escândalos de administrações gangrenosas e corruptas», escreve Prax no seu último artigo<sup>28</sup>.

São essas as raras referências que o jornalista do *Petit Parisien* faz às causas da queda da I República, às quais se pode acrescentar a crise do café que arruinou o país, e a região de São Paulo em particular<sup>29</sup>.

---

<sup>25</sup> «La tragique histoire de João Pessoa martyr de la révolution» [A história trágica de João Pessoa, mártir da revolução], *Le Petit Parisien*, 8 nov. 1930 (enviado na véspera).

<sup>26</sup> «Le nouveau régime s'est fixé une tâche écrasante».

<sup>27</sup> «Même São Paulo est acquis au nouveau régime» [Mesmo São Paulo está a favor do novo regime], *Le Petit Parisien*, 13 nov. 1930 (enviado na véspera).

<sup>28</sup> «Pour conclure» [Para concluir], *Le Petit Parisien*, 25 dez. 1930.

<sup>29</sup> «La drame du café» *Le Petit Parisien*, 14 nov. 1930 (enviado por cabo de São Paulo, no dia 12).

## 4 POLÍTICOS E HOMENS DA REVOLUÇÃO

Já vimos no capítulo anterior como Max Leclerc destrói numa só carta a imagem do imperador liberal que toda a Europa cultivou durante anos. Mesmo a imprensa republicana europeia elogia o antigo monarca e quase lamenta que tenha tido que deixar o país naquelas condições. O jornalista do *Journal des Débats* atribui-lhe uma grande parte das culpas na queda da monarquia porque, essencialmente, D. Pedro não compreendeu a mudança dos tempos e não soube adaptar o regime, nomeadamente nos últimos anos do seu reinado.

Pelo contrário, a imagem que dá de Deodoro da Fonseca é positiva: é um homem com «um temperamento de ferro», que vai resistir ainda vários anos ao «veneno absorvido no Mato Grosso»<sup>30</sup> durante o seu exílio. Leclerc, no entanto, fica preocupado com a saúde do presidente do governo provisório, pois o considera como a pessoa que controla o Exército «com mão de ferro». O jornalista parisiense conta-nos que Deodoro é um homem simples, um pouco duro, de cultura rudimentar, que fala melhor o espanhol do que o português. Porém, é um homem cheio de bom senso que «quer manter a ordem até o dia no qual poderá entregar o poder ao seu sucessor designado legalmente». Leclerc – que reconhece, no entanto, que Deodoro tem alguma dificuldade em controlar os seus ministros – chega a afirmar que o marechal, juntamente com Benjamin Constant, quer lutar contra o militarismo, afirmação sem dúvida exagerada.

Outra personagem do novo regime é Rui Barbosa, que parece não ter cativado a simpatia do jornalista, que o descreve lapidarmente com quatro adjetivos: «pequeno, nervoso, irritado e autoritário»<sup>31</sup>. Tem uma cabeça enorme e um corpo frágil, os «olhos ardentes», os «gestos exaltados» e um objetivo: absorver ou aniquilar os seus colegas do governo. Arrogante, toma as iniciativas sem consultar os outros ministros. Na oitava carta, enviada do Rio a 19 de janeiro e publicada a 23 de fevereiro, Leclerc apresenta e critica, sem meios-termos, o decreto de Rui Barbosa – o qual tem dificuldade em entrar na pele do ministro – do dia 17 do mesmo mês. O jornalista fica incrédulo que um só ministro, que se diz

---

<sup>30</sup> A 15 de novembro, quando foram buscá-lo, estava doente, fez a revolução e depois «desceu do cavalo e voltou para a cama», in «Lettres du Brésil. I».

<sup>31</sup> «Lettre du Brésil. IX», *Journal des Débats*, 14 mar. 1890 (enviada do Rio nos finais de janeiro).

republicano, ouse mudar completamente o sistema económico do país «sem sequer reunir uma comissão de homens competentes». Acusa-o abertamente de favorecer o especulador Marynk, um brasileiro de origem holandesa.

Leclerc apresenta ainda dois outros membros do governo: Benjamin Constant, ministro da guerra, mais civil do que militar, um dos divulgadores da doutrina positivista de Auguste Comte. Acha-o honesto, elevado e reto e diz que aderiu ao movimento revolucionário com a «sincera convicção de que a república abriria uma era de progresso para o seu país»<sup>32</sup>.

Quintino Bocaiuva, ministro das Relações Exteriores, que era antigamente um «ardente» polemista republicano. O jornalista francês critica-o muito duramente: é «frio, altivo, solene», «tem a aparência de um doutrinário e os gostos de um aristocrata»<sup>33</sup>. Agora faz viagens com muito aparato ao Uruguai e à Argentina: «nada parece demasiado bonito para ele, nenhuma honra é exagerada, nenhuma despesa louca, quando se trata do “príncipe dos jornalistas brasileiros”», ironiza o enviado especial do *Journal des Débats*.

Leclerc dá uma imagem muito contrastada dos homens da revolução republicana e critica algumas medidas tomadas pelo governo provisório que, como o nome o indica, não tem nenhuma base legal. Eles têm «o poder deles mesmos» e «infelizmente da tropa e da marinha»<sup>34</sup>. Têm que ter muito cuidado e não cometer nenhum erro grave. O primeiro mês foi relativamente calmo, mas as coisas começam a complicar-se.

Por seu lado, Prax consegue encontrar em alguns chefes da revolução de 1930<sup>35</sup> pessoas «audazes», às quais a vitória «não podia fugir». O jornalista francês regozija-se que a junta no Rio tenha conseguido afastar Washington Luís, evitando-se assim uma luta sangrenta, uma guerra civil de vários anos e, talvez, uma divisão do país.

Oswaldo Aranha, «um jovem que tem o ar de saber o que quer»<sup>36</sup>, é descrito como o grande animador da revolução no Rio Grande do Sul, homem que fala pouco, com «atenção, moderação e

---

<sup>32</sup> «Lettre du Brésil. IX».

<sup>33</sup> «Lettre du Brésil. VII» *Journal des Débats*, 19 fev. 1890 (carta enviada a 16 de janeiro).

<sup>34</sup> «Lettree du Brésil. I».

<sup>35</sup> «Avec les chefs de la Révolution», *Le Petit Parisien*, 31 out. 1930 (enviada na véspera).

<sup>36</sup> «La situation au Brésil reste compliquée et obscure».

reflexão»<sup>37</sup>, homem culto e também de ordem. O jornalista parisiense resume o futuro diplomata em três palavras: «literato, artista e combatente».

A seguir, Prax fala-nos em poucas palavras de Mário Brant, doutor de formação, mas valoroso capitão do Exército, que conseguiu reunir, juntamente com outros colegas, 30 000 homens nas Minas Gerais, onde a terra é fértil, «generosa e quase europeia». Estes homens, continua Prax, deixaram as suas casas «com alegria» para se juntarem a esta «aventura revolucionária».

O «grande ídolo» de todo o país é Juarez Távora, o chefe da revolução no Norte do Brasil, que consegue fascinar também o jornalista francês. É um homem alto, «de olhos brilhantes, fronte meditativa e misteriosa». Fala pouco e pensa muito. Desinteressado, só se preocupa com o interesse geral do Brasil e não quer nada para si próprio.

Em novembro Getúlio Vargas dá uma entrevista ao enviado especial do *Petit Parisien*<sup>38</sup>. O futuro ditador agradece ao jornalista pela objectividade dos artigos que tem publicado e por ter anunciado, logo no dia 24 de outubro, apesar das incertezas, a vitória da revolução. Ainda antes desse encontro Prax já menciona o futuro ditador sempre em termos elogiosos. Quando chega ao Rio de Janeiro, no meio de grande entusiasmo, Prax descreve-o como uma «figura graciosa, nova, simples e doce»<sup>39</sup>. O jornalista parisiense assiste, poucos dias depois, à tomada de posse e não têm dúvidas: Vargas é o «animador, o produtor, o generalíssimo – e a causa – da revolução triunfante». É um «triumfador» que sabe falar com «doçura e familiaridade».

Maurice Prax dá uma imagem muito positiva dos chefes da revolução, e de Vargas em particular, influenciado, sem dúvida, pelo ambiente e pelas pessoas que o rodeiam. Tem a certeza de que no Brasil agora as coisas vão mudar e para melhor.

## 5 O BRASIL DAS CIDADES (RIO. SÃO PAULO)

Quando chega ao Rio, Leclerc fica fascinado pela cidade, pela alegria dos seus habitantes, e, percorrendo as ruas da Alfândega e do Ouvidor, tem a impressão de se reencontrar em Londres, devido à presença de negociantes ingleses, mas sob o céu de Egípto e

---

<sup>37</sup> «Avec les chefs de la Révolution».

<sup>38</sup> «Entretien avec M. Vargas».

<sup>39</sup> «L'entrée triomphale...».

influências orientais<sup>40</sup>. No entanto, no quarto artigo, enviado de Petrópolis a 4 de janeiro de 1890 e publicado no final do mês, o entusiasmo dele já desapareceu, porque «é quase impossível ver o Brasil nesta época do ano: o sol abrasador tira ao europeu a força de olhar à sua volta».

Segundo o jornalista, «o Rio é sobretudo uma cidade de negócios», cosmopolita, e toda a vida se concentra naquele bairro, entre a rua 7 de Setembro e o porto. Descreve as ruas estreitas, cheias de buracos e de pó, lamacentas depois das chuvas, e as casas pequenas e de mau aspecto, sempre abertas. Leclerc acha que a «famosa rua do Ouvidor» não merece ser comparada, nem de longe nem de perto, com o Boulevard des Italiens, de Paris, contrariamente ao que pensam os cariocas: não tem passeios, nem calçada, só oito metros de largura. Encontram-se produtos alemães, algumas boutiques dos maiores representantes da colônia francesa, os principais jornais e muitos curiosos e ociosos à «espera de uma notícia picante» e que, às vezes, obstruem a passagem. Fica surpreendido de ver como, «numa cidade onde o termómetro chega às vezes aos 40°C à sombra [...], o brasileiro persiste em viver e em vestir-se à maneira europeia»: trabalha durante as horas mais quentes do dia e veste uma sobrecasaca e põe um chapéu alto.

Visita também São Paulo<sup>41</sup> depois de uma viagem «das mais cansativas», de 13 horas, para percorrer os quase 600 quilómetros numa linha férrea muito elástica que consegue contornar todos os obstáculos naturais. É uma cidade, na altura, em plena expansão demográfica. Leclerc aprecia o clima, menos quente, as ruas limpas, as casas construídas à maneira europeia. Faz os louvores dos paulistas, «rapazes sólidos, grandes, de costas largas», que foram os primeiros colonos, os primeiros a abandonar a guerra contra os indígenas. «Hoje em dia o paulista continua a dar excelentes exemplos aos seus concidadãos das outras províncias» em matéria de poupança, de imigração, da cultura do café, na passagem «do regime escravagista ao do trabalhador livre». Gosta muito do temperamento dos habitantes de São Paulo, que estão contentes com a proclamação da República, mas querem agora virar a página. Têm pressa de saber quais serão as suas prerrogativas e os seus direitos para depois voltar a fazer, se possível, melhores negócios do que antes.

---

<sup>40</sup> «Lettre du Brésil. I».

<sup>41</sup> «Lettre du Brésil. V», *Journal des Débats*, 13 fev. 1890 (carta enviada um mês antes).

Maurice Prax descreve a capital brasileira no início do artigo dedicado à entrada na cidade das tropas de Vargas<sup>42</sup>: «o Rio é e será sempre uma cidade surpreendente e magnífica – uma das cidades mais fascinantes do mundo». É também a «capital dos contrastes e das contradições», onde se encontra o luxo mais vistoso e a extrema miséria. Tem Copacabana que é o «seu Deauville», a «avenida Rio Branco que é o seu Paris» e também as aldeias dos negros. «É orgulhosamente bonita» e, ao mesmo tempo, tem as barracas agarradas aos seus morros. O jornalista acha que na cidade há um pouco de Chicago, dos jardins de Sevilha, do barulho de Nova Iorque, das vitrinas dos Campos Elísios, da «vegetação transbordante dos trópicos»: «é americana, europeia, africana, oriental». No entanto, à noite, com as cortinas fechadas, tem algo de misterioso: «não se sabe se a cidade é feliz, se é alegre, se sabe rir e cantar».

Quando visita São Paulo, em novembro de 1930, a cidade cresceu muito, ultrapassando o milhão de habitantes: «Cresceu como Chicago, ao ritmo de uma casa nova a cada hora». «É preciso percorrer dezoito quilómetros para a atravessar». Tem as suas avenidas «como os Campos Elísios, mas também bairros miseráveis».

Dizem que «São Paulo nunca é uma cidade alegre», escreve o enviado especial do diário francês no início do artigo dedicado à crise do café, mas agora está triste, sem trânsito, quase parada e nem sequer tem a consolação de ganhar dinheiro. «As lojas estão vazias, os bancos adormecidos, [...] as caras das pessoas preocupadas»<sup>43</sup>. Os mais bonitos hotéis da avenida paulista têm os estores fechados. Em São Paulo acha-se que o governo de Washington Luís é o «responsável de todos os males» que a afligem. É por conseguinte normal, sublinha Prax, que esteja a favor da revolução. Tudo isto é devido à crise do café, cuja produção muito enriqueceu os fazendeiros do estado de São Paulo até 1928, quando as sacas começaram a acumular-se nos depósitos (cerca de 20 milhões no final do ano), porque a venda se tornou cada vez mais difícil. As medidas tomadas pelas autoridades (limite na quantidade exportada para impedir uma queda dos preços) só agravaram o problema. O «golpe fatal» foi dado a 4 de outubro de 1929, quando os bancos recusaram qualquer empréstimo aos produtores de café. O pânico tomou conta dos mercados e o preço

---

<sup>42</sup> «L'entrée triomphale...».

<sup>43</sup> «Le drame du café».

caiu. «O Brasil foi golpeado no coração» e toda a atividade econômica ficou em parte paralisada. Para o novo governo, sublinha o enviado do *Petit Parisien*, é o problema urgente a resolver.

## 6 O BRASIL DO INTERIOR

Maurice Leclerc, além da viagem de comboio entre o Rio e São Paulo, durante a qual admira uma parte da província do Rio, relativamente pouco cultivada, assim como o imenso planalto de São Paulo, em grande parte coberto por floresta virgem, efectua também uma visita a uma fazenda de café<sup>44</sup>. Faz os 300 quilómetros da viagem de comboio em condições particularmente difíceis, atravessando a floresta virgem que alterna com as plantações de café. O solo cor de tijolo é muito fértil: «devolve o cêntuplo do que lhe confiaram». Percorre a cavalo a propriedade de Santa Veridiana, onde vinte e cinco anos antes ainda havia a floresta. Admira os cafeeiros perfeitamente alinhados como um «exército no dia da parada que alternam com o milho, o inseparável vizinho do café»<sup>45</sup>. Explica as várias fases do trabalho efectuado agora por colonos, em grande parte de origem italiana.

O senhor António Prado, o proprietário, conseguiu manter a fazenda em tão boas condições porque, diz-nos Leclerc, soube prever que era preciso procurar a nova mão de obra na Europa para substituir os escravos. O enviado do jornal parisiense visita as pequenas casas de duas assoalhadas, consulta vários livrinhos onde os pobres imigrantes têm que anotar as dívidas e as receitas do trabalho e dos produtos que são autorizados a criar, a cultivar e a vender (legumes, animais).

Aqui o jornalista francês coloca a questão social da altura e acusa «os paulistas [...] de não terem sabido tratar convenientemente o imigrante. Vêem nele unicamente o substituto do escravo, um instrumento dos seus rendimentos, nada mais». De facto, constata Leclerc, «trata-se de perpetuar o antigo sistema colonial, ligeiramente modificado»<sup>46</sup>. O Brasil precisa de força de trabalho, mas tem que ser franco com os imigrantes, deve «acolhê-los como auxiliares preciosos do desenvolvimento nacional e tratá-los como cidadãos livres».

Além disso, existe o problema da propriedade fundiária: «A

---

<sup>44</sup> «Lettre du Brésil. V».

<sup>45</sup> «Lettre du Brésil. VI».

<sup>46</sup> Idem.

terra [...] pertence à aristocracia dos grandes proprietários», todos poderosos, que nunca aceitarão uma reforma. A pequena propriedade é quase inexistente. «Será que os republicanos vão tentar a aventura [de uma reforma do regime de propriedade]?», pergunta Leclerc, que receia, no entanto, que os novos governantes tenham medo de alienar a simpatia dos seus «aliados» os fazendeiros –, que os apoiaram ou, pelo menos, não defenderam a monarquia. É preciso «restaurar a dignidade humana», conclui o jornalista, para que os colonos possam «fundar famílias que sirvam de exemplo» e evitar, assim, qualquer «contacto aviltante e nocivo com os escravos»<sup>47</sup>.

Quarenta anos mais tarde Prax efectua uma viagem de três dias em direção a Goiás, deparando-se com as dificuldades nos meios de transporte<sup>48</sup>. Os obstáculos são mais numerosos para ele do que os que os cavalos encontram nas corridas em Longchamp.

Primeira paragem, obrigatória, em Vianópolis, que na altura tem apenas mil habitantes. Prax depara-se com um cenário de filmes americanos, com duas ruas, bares, barracas, cabanas, sem polícia, sem justiça. Cada um faz a própria lei, «a murro, com a espingarda ou o revólver». Tem que dormir num «hotel» sem portas nem janelas.

Na manhã seguinte aluga um carro para continuar a viagem, negociando o preço. Entra-se no Brasil profundo. Os passageiros – que têm fome, sede e dores nos rins – encontram-se a três dias da capital e «a civilização já desapareceu». Segundo Prax, o Brasil tem que retomar «a sua própria conquista», trabalho gigantesco que espera o novo governo. No entanto, no fim do dia a paisagem torna-se menos monótona, aparece a serra Dourada e algumas casas «numa espécie de campo».

Chegam a Goiás, cidade de 6500 habitantes, muito mais calma do que Vianópolis, sem carros, sem gás, esgotos, eletricidade e quase sem lojas. Encontram-se só velas, feijão preto, arroz e a famosa carne no churrasco que se estende nas cordas como se se tratasse de «uma gigantesca secagem de roupa». Prax não fica muito encantado com esta comida, mas acha que o interior do Brasil não é nem para os amantes da boa cozinha, nem «para os pintores

---

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> «A trois jours de Rio...» [A três dias do Rio...], *Le Petit Parisien*, 2 dez. 1930 (esta série de artigos, publicada em dezembro, não tem data de envio. Provavelmente foram escritos a bordo do *Flórida* e em Paris).

de flores»<sup>49</sup>.

Nesta província toda a estrutura do Estado estava ao serviço da família Caiade, que fazia o que bem lhe apetecia: exercia uma «autoridade absoluta e sem controlo», com homens de mão à sua disposição. É o famoso sistema dos «coronéis», potentíssimos chefes locais. Prax observa que as coisas mudaram: a família Caiade fugiu e agora há uma Junta, como no Rio, cujo chefe é um inimigo dos antigos donos da região. Mais uma vez o enviado do *Petit Parisien* elogia, embora com certa prudência, o trabalho do novo governo que «suspendeu» esta «comédia administrativa, burocrática e ruinosa de Goiás».

No artigo seguinte<sup>50</sup> o jornalista volta a falar dos «coronéis», que descreve como «senhores feudais» que cometem quase sempre abusos, mas que, ao mesmo tempo, são úteis para o Estado: «exploram frequentemente os pobres coitados, mas estes coitados morriam à fome se não fossem explorados». Os «coronéis» cometem excessos mas mantêm a ordem e «mandam».

Aliás, acrescenta o enviado do *Petit Parisien*, os pobres diabos que trabalham para eles talvez até lhes estejam agradecidos pela situação miserável que vivem no dia-a-dia: «não são nem alegres nem tristes, nem contentes nem revoltados» e nunca se queixam! De todas as maneiras não acredita que o novo governo possa fazer alguma coisa para os ajudar.

Prax, no mesmo artigo do dia 4, pergunta se será possível impor a todo o país o programa de Vargas, que quer «“reabilitar”a política brasileira», impor a ordem, acabar com todos os favoritismos e com a corrupção. Nas cidades do Rio, São Paulo, Santos, Porto Alegre e nos estados do Rio, do Rio Grande e de Minas Gerais talvez seja realizável, mas estes constituem só a «camada superior, a aparência do Brasil». O resto do país está «desorganizado, muito pouco explorado, anárquico».

No que diz respeito às eleições, Prax duvida que seja possível realizá-las – pelo menos a curto ou a médio prazo –, num país com muitos analfabetos e onde o voto é orientado e manipulado sempre em favor do governo («fazem-se votar eleitores que não existem»). Os revolucionários vão acabar com esta comédia eleitoral?, pergunta o jornalista francês que coloca outra questão: Quem é o

---

<sup>49</sup> «Dans l'intérieur: Goyaz. Où l'on prend sur le vif les outrances du système fédératif» [No interior: Góias. Onde se toma consciência dos exageros do sistema federativo]. *Le Petit Parisien*, 3 dez. 1930.

<sup>50</sup> «Dans l'intérieur du pays: électeurs et “Colonels”», *Le Petit Parisien*, 4 dez. 1930.

povo? Os habitantes das grandes cidades, os emigrantes, os negros, os vaqueiros, os indígenas? A sua conclusão não deixa margem para dúvidas: «é bonito querer fundar uma democracia. [...] Mas pode construir-se um parlamento nas areias do Sahara?»

## 7 O BRASIL E OS BRASILEIROS

Na carta enviada de Petrópolis, a 4 de janeiro de 1890, já citada, Leclerc dedica alguns parágrafos a falar das características do povo brasileiro e dos cariocas em particular:

O traço mais vincado do carácter brasileiro é, sem dúvida, a indolência: indolência ou fatalismo, consciente ou não, este traço sobrepõe-se aos outros. Ao estrangeiro que vier a este país darei o conselho de ter tanta paciência como se pensasse ir para um país muçulmano.

Só quando há algo de verdadeiramente interessante é que o carioca consegue sair desta apatia, acrescenta o jornalista que, no entanto, aprecia outras facetas: a boa disposição, a ausência de preconceitos raciais, a mistura entre as várias classes sociais, a afabilidade, o espírito acolhedor, a facilidade com a qual se pode falar com eles, mesmo com um banqueiro ou com um redator de um jornal: «Estas pessoas parecem ignorar o preço do tempo, dão a impressão de que não têm nada a fazer, os seus jornais saem a horas, os negócios funcionam regularmente, como é que eles fazem? É o seu segredo».

Quando visita São Paulo<sup>51</sup>, repara imediatamente que o paulista é mais prático, de carácter forte, talvez um pouco egoísta, demasiado preocupado em defender os seus interesses e os da sua região. «Tem iniciativas e é ao mesmo tempo prudente», aceita o progresso «e adopta-o mas só quando tirou a prova dos nove, observa Leclerc. Não gosta de aparências: «prefere o papel da tartaruga ao da lebre; gosta das coisas sólidas, só tem confiança quando as coisas são feitas com segurança».

De uma maneira geral, o jornalista do *Journal des Débats* acha que o povo brasileiro é «versátil e sincero»<sup>52</sup>, sensível à alegria mas também à dor:

---

<sup>51</sup> «Lettre du Brésil. V».

<sup>52</sup> «Lettre du Brésil. X», *Journal de Débats*, 6 abr. 1890.

O traço dominante do carácter nacional é uma grande doçura disfarçada de melancolia: doce e triste, assim são os brasileiros, tal como os fez o clima, a raça, a vida social, a história. Voltando só algumas gerações atrás, descobre-se que os antepassados de muitos brasileiros de hoje eram aventureiros portugueses, frequentemente índios e homens de cor. Estes filhos de piratas, de degredados, de corsários, de negreiros cruéis e sanguinários estão cheios de mansidão, são inimigos de qualquer tipo de violência<sup>53</sup>.

A todas estas qualidades – a doçura, a falta de preconceitos de raça, de casta e de orgulho social –, Max Leclerc contrapõe outros aspectos menos positivos: «uma evidente falta de hierarquia, de respeito, de disciplina social» e uma enorme força negativa:

Aqui domina uma apatia universal, incoercível; as suas consequências podiam comparar-se ao fatalismo muçulmano e ao niilismo budista. E há uma força – talvez a mais poderosa do país – que é a força da inércia. O estrangeiro não prevenido perde o seu tempo e a sua paciência; nenhum poder humano é capaz de derrubar este obstáculo: é preciso, então, saber contorná-lo<sup>54</sup>.

Por outro lado, o brasileiro é um homem de um «nervosismo estranho» que passa «do imobilismo à excitação, da indiferença à mais viva emoção». Pode ouvir um discurso de boca aberta e, poucos minutos depois, dizer que «quem estava a falar é uma pessoa que não presta».

Outro contraste observado pelo jornalista francês: o brasileiro é inteligente, assimila facilmente as coisas, mas «estas preciosas qualidades são neutralizadas por uma grande leviandade e um certo desdém pelas coisas sérias e pelas ideias com vistas largas».

O brasileiro não só é muito paciente e apático como é também resignado e, sobretudo, fatalista, afirma Leclerc. «O facto consumado» tem para ele «uma força irresistível. Toda a sabedoria política do brasileiro se resume à sua resignação ao facto consumado»<sup>55</sup>, como o provam os acontecimentos de 15 de novembro. Ninguém, mesmo as pessoas que obtiveram favores da monarquia, «tentou resistir à revolução».

Na sua história, escreve Leclerc, o povo brasileiro nunca teve que enfrentar «os desafios que formam o carácter dos povos». Isso explica por que é incapaz de manifestar «entusiasmo prolongado» e

---

<sup>53</sup> «Lettre du Brésil X», *Journal des Débats*, 24 abr. 1890.

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> Idem.

também por que não consegue resistir aos fanatismos, como «o jacobinismo ou a teocracia»<sup>56</sup>.

Na carta enviada a 26 de outubro de 1930, Maurice Prax faz uma primeira e breve alusão ao carácter do povo brasileiro. Segundo ele, a festa na capital, depois da queda de Washington Luís, ficou contida dentro de certos limites, porque o «povo brasileiro é muito doce e muito calmo». Noutros países isso teria acabado com «derramamento de sangue»<sup>57</sup>.

Quando a 15 de novembro de 1930 o país comemora o aniversário da proclamação da República, o enviado do *Petit Parisien* tenta destruir algumas «ideias falsas» que o europeu tem do Brasil: «o temperamento brasileiro» não é «exuberante e impetuoso». Se excluirmos o Carnaval, não há «grandes festas populares».

De facto, se Prax pouco diz sobre os brasileiros, consegue, a meu ver, no relato da visita ao museu em Butantan<sup>58</sup>, ao pé de São Paulo, e no último artigo publicado nos finais de dezembro<sup>59</sup>, pôr em causa as ideias – difundidas na Europa – de um paraíso brasileiro, nomeadamente quando se debruça sobre alguns flagelos que atingem o país<sup>60</sup>. Fala dos leprosos em Paraíba, dos doentes de sífilis e dos problemas devido ao álcool, descreve as várias serpentes perigosas, as aranhas, os sapos venenosos, os insectos que atacam as colheitas. É preciso destruir as lendas que descrevem o grande país sul-americano como se fosse um paraíso, porque a realidade é bem diferente, subinha Prax. Viver no Brasil requer força, coragem e capacidade para se defender. É um país bonito, mas não há espaço para as pessoas fracas: «É de ferro e fogo», afirma com veemência o jornalista francês.

Na parte final do último artigo o jornalista francês debruça-se sobre o futuro e as potencialidades do Brasil, «país novo, imenso, ao mesmo tempo privilegiado e severo», «vítima da sua imensidão» territorial onde se encontram todas as dificuldades e onde se pode, ao mesmo tempo, enriquecer. Embora favorecido pela natureza,

---

<sup>56</sup> Idem.

<sup>57</sup> «Lendemain de Révolution au Brésil». Porém, quando fala da história de João Pessoa, o mesmo jornalista escreve que as pessoas «são extremamente doces», mas, em «certas horas, a vida humana não conta absolutamente nada». «La tragique histoire de João Pessoa martyr de la révolution».

<sup>58</sup> «Un “paradis” où pullulent serpents et bêtes vénéneuses [Um “paraíso” onde pululam serpentes e bichos venenosos], *Le Petit Parisien*, 16 dez. 1930.

<sup>59</sup> «Pour conclure».

<sup>60</sup> «Quelques fléaux» [Alguns flagelos], *Le Petit Parisien*, 15 dez. 1930.

reitera o enviado do *Petit Parisien*, não é um Éden: para se ter sucesso é preciso muito trabalho e saber lutar, mas o país tem um futuro «ilimitado» e um destino «magnífico e inimaginável». Prax espera que agora o Brasil possa entrar num período de estabilidade política, condição indispensável para que os revolucionários que tomaram as rédeas do poder possam «realizar as reformas prometidas ao povo».

## 8 AS RELAÇÕES FRANCO-BRASILEIRAS

O último artigo escrito por Leclerc é, em grande parte, dedicado às questões económicas e ao papel da França no desenvolvimento do Brasil<sup>61</sup>. Consta que a Inglaterra vende ao Brasil o dobro do que a França, que está no segundo lugar, ameaçada pela Alemanha. O jornalista acha que ao seu país devia investir muito mais e «não tem desculpas» por não o fazer: pode aproveitar as consequências negativas do conflito anglo-português – o Brasil começa a estar «cansado dos ingleses – e tem agora uma posição «moral» «excepcional»: «Depois da proclamação da República no Brasil, parece que se formou um novo laço entre os dois países».

No mundo político e dos negócios fala-se francês tanto como português: «O francês é um instrumento indispensável aos brasileiros para comunicarem com o resto do mundo». Encontra muitos livros franceses nas livrarias, mas lamenta que se possam publicar tão facilmente traduções de romances franceses nos jornais do Rio sem que os autores sejam pagos. Isso é possível também porque não existe uma convenção literária entre os dois países.

Constata que as classes cultas são educadas na língua de Molière, que há muitas simpatias pela França, em geral, e na imprensa, em particular. Fala com comerciantes que estão interessados em produtos franceses. Como fazer para responder ao que estes brasileiros esperam e «explorar um terreno tão fértil?», pergunta Leclerc, que dá algumas pistas: estudar os costumes do país, dar crédito de longo prazo aos negociantes, enviar ao Brasil «pessoas inteligentes, sérias e ativas».

Mas não são só os comerciantes que devem desenvolver as relações com este grande país, que está aberto a isso, escreve o jornalista; são também os capitalistas, os industriais e os

---

<sup>61</sup> «Lettre du Brésil. XI». *Journal des Débats*, 3 jun. 1890 (trata-se de outra gralha, devia ser Carta n.º XIII, correspondente ao capítulo XII do livro).

engenheiros franceses. Devia investir-se, nomeadamente nas novas linhas de caminho-de-ferro para fazer frente à concorrência dos ingleses. Os capitais em França existem, «mas são tímidos ou estão cegos», lamenta Leclerc, que cita um exemplo a seguir: o de uma sociedade francesa de telégrafos submarinos que conseguiu obter a concessão da linha entre o Rio e Nova Iorque e poderá concorrer com a caríssima linha inglesa entre o Brasil e a Europa.

O Brasil precisa desenvolver os portos, sanear as cidades, e o Rio em particular, para poder acolher os imigrantes. Nesse campo, a França pode ter um papel de relevo, escreve o enviado do *Journal des Débats*, que constata, no entanto, que os ingleses já têm vários bancos, os alemães um muito forte e a França nenhum. Sugere que se forme um «sindicato de capitalistas» que possa angariar fundos «destinados a financiar uma missão de estudo», *in loco*, primeiro passo para conhecer o país e os seus costumes e permitir um envolvimento de empresas francesas no Brasil.

A 20 de dezembro de 1930, Prax trata do custo da vida no Brasil – que acha alto para um francês – e, sobretudo, do lugar que ocupam a França e os produtos franceses no grande país lusófono do subcontinente americano<sup>62</sup>. Observa com tristeza que os agentes alemães, americanos, ingleses e italianos têm todo o apoio das suas empresas e que dispõem de «meios de propaganda mais modernos e mais ativos», enquanto os representantes comerciais franceses são abandonados pelas próprias firmas. Nas vitrinas vê muitos produtos americanos e alemães. Lamenta também que a venda dos vinhos italianos seja três vezes superior relativamente à dos vinhos franceses.

Acha que os brasileiros têm muita simpatia pela França. Tasso Fragoso recebe Prax a 27 de outubro e diz ao jornalista: «O senhor é francês. É um amigo» O próprio Vargas, durante a entrevista já mencionada, lamenta não ter ainda tido a possibilidade de ter visitado a França, mas isso não lhe impede «de manifestar [...] os mesmos sentimentos que todos os brasileiros têm» para com o país transalpino. Porém, Prax deve constatar e lamentar que, nas classes cultas, concretamente na nova geração, as pessoas entre 25 e 30 anos já não se interessem tanto pela cultura francesa. É para os Estados Unidos da América que eles olham, apesar do facto de, na altura, Maurice Chevalier ser ainda um «ídolo» no Rio de Janeiro.

---

<sup>62</sup> «Quelques questions pratiques. Où en sont l'influence et les affaires françaises», *Le Petit Parisien*, 20 dez. 1930.

## NOTA FINAL

Quando, respetivamente, a 5 de dezembro de 1899 e a 11 de outubro de 1930, os dois jornalistas franceses sobem a bordo do *Florida* e do *La Plata*, em direção à América do Sul, têm como objetivo principal ver e analisar a revolução brasileira.

Chegados ao destino, têm pouco tempo para admirar a paisagem da baía do Rio de Janeiro: Max Leclerc tenta recolher todas as informações possíveis para reconstruir os acontecimentos do dia 15 de novembro; Maurice Prax torna-se testemunha ocular das revoluções e relata os factos que ocorrem na capital brasileira desde a queda de Washington Luís até às comemorações do aniversário da proclamação da República, quarenta e um anos antes. Assiste à festa popular no Rio, à chegada e aos desfiles das tropas vencedoras, à tomada de posse de Getúlio Vargas.

Se o enviado do *Petit Parisien* manifesta simpatia e, às vezes, um certo entusiasmo pela mudança, e admira os chefes revolucionários que encontra pessoalmente, por seu lado, Leclerc dá uma imagem muito sóbria do nascimento da primeira República, que aconteceu sem participação popular, sem glória, sem heróis. Afinal, foi demasiado fácil derrubar a monarquia. Contrariamente ao seu colega em 1930, é muito mais reservado e, por vezes, crítico em relação ao governo provisório e a alguns dos seus membros.

O mesmo jornalista debruça-se atentamente sobre as causas da queda de D. Pedro. As explicações que fornece, quer sobre os erros e as responsabilidades do ex-imperador, quer sobre os falhanços do sistema – e particularmente a falta de educação, de espírito cívico, o sistema escravagista –, quer ainda sobre a falta de defensores do lado monárquico, constituem uma análise histórica muito rigorosa. Quatro décadas depois, Prax, apanhado pelo turbilhão revolucionário, não tem tempo para se dedicar a esta problemática. Só no último artigo, escrito em Paris, quando já tem uma certa distância histórica e geográfica, consegue enumerar os que constituem, no seu ver, os males do sistema que explicam a queda da I República brasileira: a corrupção, os escândalos, as fraquezas da administração, os desperdícios.

Os jornalistas franceses admiram ambos a paisagem, quer da baía da capital, quer do interior, concordam em afirmar que o «Rio não é o Brasil» e que é preciso muito tempo para conhecer este imenso país e as suas grandes potencialidades. Leclerc descreve com algum pormenor o Rio, São Paulo e uma fazenda e debruça-se com atenção sobre o carácter dos habitantes, veiculando,

inevitavelmente, alguns estereótipos: a doçura, a tristeza, o fatalismo, a simpatia, a apatia, a indolência, a inteligência, uma certa ligeireza.

Em 1930, o enviado especial do *Petit Parisien* acha também que os brasileiros são doces e menos exuberantes do que se pensa na Europa, mas, sobretudo, defende com convicção a ideia de que o Brasil é sim um país bonito e cheio de riquezas, mas que é feito para pessoas valentes, corajosas, com uma saúde de ferro, trabalhadoras e que saibam sofrer. «É preciso destruir a lenda do “paraíso” da América do Sul... É preciso ver a realidade»<sup>63</sup>.

Quanto à presença francesa no maior país sul-americano, os dois enviados especiais gostavam que esta fosse mais forte, mais interdependente e que houvesse mais ajuda da França para a desenvolver. Em 1930, Prax pode só constatar que a admiração pela França existe, mas nas novas gerações, contrariamente a 1890, não há um grande conhecimento da língua e da cultura francesas, cada vez mais suplantadas pela expansão do inglês.

Neste artigo pretendi analisar e comparar duas viagens em que se abordam duas revoluções brasileiras, separadas cronologicamente por quarenta e um anos. Escolhi unicamente as temáticas tratadas por ambos os jornalistas – provavelmente os únicos enviados especiais vindos do Velho Continente – tentando pôr em evidência a originalidade das suas análises e dos seus comentários. Alguns temas, como as críticas às primeiras medidas do governo provisório, em 1889-1890, foram por mim referidas pontualmente, mas, como sabemos, um trabalho histórico é sempre um ponto de partida. Espero que este meu estudo possa sugerir novas pistas de pesquisa e suscitar novos debates.

## FONTES

LECLERC, Max. *Lettres du Brésil*. Paris: Plon, 1890<sup>64</sup>.

---

<sup>63</sup> «Un “paradis” où pullulent serpents et bêtes vénéneuses», *art. cit.*

<sup>64</sup> Os artigos de Max Leclerc foram todos publicados com o título «Lettre du Brésil», no *Journal des Débats*, em 1890. No diário parisiense a numeração é diferente porque há duas gralhas: A 1.ª carta (do capítulo XI do livro) está numerada com o n.º X e a 2.ª carta (do mesmo capítulo) está numerada com o n.º XI; a última carta (a n.º XIII) está também numerada com o n.º XI. Há, portanto, duas numerações X e duas numerações XI.

A numeração abaixo corresponde aos capítulos do livro.

n.º I, 15 de janeiro; n.º II, 19 de janeiro; n.º III, 27 de janeiro; n.º IV, 31 de janeiro; n.º V, 13 de fevereiro; n.º VI, 15 de fevereiro; n.º VII, 19 de fevereiro; n.º VIII, 23 de

PRAX, Maurice. La révolution l'a emporté au Brésil. Le président Washington Luis, démissionnaire, est arrêté. *Le Petit Parisien*, 25 out. 1930.

\_\_\_\_\_. Lendemain de révolution au Brésil. *Le Petit Parisien*, 27 out. 1930.

\_\_\_\_\_. Après la révolution au Brésil. Le général Tasso Fragoso fait des déclarations catégoriques. *Le Petit Parisien*, 29 out. 1930.

\_\_\_\_\_. La situation au Brésil reste compliquée et obscure. *Le Petit Parisien*, 30 out. 1930.

\_\_\_\_\_. Avec les chefs de la Révolution. *Le Petit Parisien*, 31 out. 1930.

\_\_\_\_\_. L'entrée triomphale à Rio de M. Getúlio Vargas chef des révolutionnaire et président de demain. *Le Petit Parisien*, 2 nov. 1930.

\_\_\_\_\_. M. Vargas prend le pouvoir. *Le Petit Parisien*, 5 nov. 1930.

\_\_\_\_\_. La tragique histoire de João Pessoa martyr de la revolution. *Le Petit Parisien*, 8 nov. 1930.

\_\_\_\_\_. Le nouveau régime s'est tracé un programme écrasant. *Le Petit Parisien*, 10 nov. 1930.

\_\_\_\_\_. Même São Paulo est acquis au nouveau régime. *Le Petit Parisien*, 13 nov. 1930.

\_\_\_\_\_. Le drame du café. *Le Petit Parisien*, 14 nov. 1930.

\_\_\_\_\_. Le Brésil a fêté dans le calme le 41<sup>ème</sup> anniversaire de la proclamation de la République. *Le Petit Parisien*, 16 nov. 1930.

\_\_\_\_\_. Entretien avec M. Vargas. *Le Petit Parisien*, 20 nov. 1930.

\_\_\_\_\_. À bord du "Florida" avec deux proscrits. *Le Petit Parisien*, 25 nov. 1930.

\_\_\_\_\_. A trois jours de Rio... *Le Petit Parisien*, 2 dez. 1930.

\_\_\_\_\_. Dans l'intérieur: Goyaz. Où l'on prend sur le vif les outrances du système fédératif. *Le Petit Parisien*, 3 dez. 1930.

\_\_\_\_\_. Dans l'intérieur du pays: electeurs et "Colonels". *Le Petit Parisien*, 4 dez. 1930.

\_\_\_\_\_. Quelques fléaux. *Le Petit Parisien*, 15 dez. 1930.

\_\_\_\_\_. Un "paradis" où pullulent serpents et bêtes vénéneuses. *Le Petit Parisien*, 16 dez. 1930.

\_\_\_\_\_. Quelques questions pratiques. Où en sont l'influence et les affaires françaises. *Le Petit Parisien*, 20 dez. 1930.

\_\_\_\_\_. Pour conclure. *Le Petit Parisien*, 25 dez. 1930.

VARGAS, Getúlio, *Diário*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. v. 1: 1930-1936 (apresentação de Celina Vargas de Amaral Peixoto).

## OBRAS CONSULTADAS

ABREU, Luciano Aronne de. *Getúlio Vargas, a construção de um mito (1928-30)*.

---

fevereiro; n.º IX, 14 de março; n.º X, 6 de abril; n.º XI (1.ª carta), 24 de abril; n.º XI (2.ª carta), 24 de maio; n.º XII, 3 de junho.

Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

BELLANGER, Claude; GUIRAL, Pierre; GODECHOT Jacques; TERROU, Fernand, [dir.]. *Histoire générale de la presse française*. Paris: PUF, 1972. t. 3 : 1871-1940.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Ed. USP, 1994.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Brasil Monárquico: do Império à República*. Rio de Janeiro: BCD, 1997. v. 5.

MONICO, Reto. Um jornalista europeu em plena "revolução": Maurice Prax no Brasil (outono de 1930). *Arquipélago-História* (no prelo).

QUINTERO, Alexandro Pizarroso (ed.). *Historia de la prensa*. Madrid: Estudios Ramón Areces, 1994.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos, 1930-1942: o processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1985.

SCHWARZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.